

POR QUE É NECESSÁRIO MELHORAR A INFORMAÇÃO E EDUCAÇÃO DE ADOLESCENTES EM ANTICONCEPÇÃO?

Apesar dos esforços realizados nos últimos anos para melhorar o acesso de adolescentes a métodos anticoncepcionais em serviços de boa qualidade, o número de gravidezes não planejadas nessa população ainda é bem maior que o desejado; as taxas de fecundidade em mulheres de 15-19 ainda são altas se comparadas com países desenvolvidos.

As gravidezes em adolescentes, na sua grande maioria, não são planejadas e muitas delas ocorrem em mulheres que estão usando algum método anticoncepcional de maneira errada ou que suspenderam o uso do método por causa de boatos ou rumores sobre supostos efeitos maléficos dos anticoncepcionais. Não temos possibilidades de estar constantemente publicando desmentidos quando se espalham rumores sobre efeitos indesejáveis dos anticoncepcionais, às vezes divulgados por médicos ou funcionários de órgãos públicos.

Em nosso site “Vivendo a adolescência” www.adolescencia.org.br recebemos muitas perguntas de adolescentes sobre as características dos métodos que mostram que as informações erradas, não baseadas em evidências científicas, se espalham mais amplamente que os conceitos baseados nas evidências.

Para ilustrar daremos alguns exemplos:

- Médicos mandam suspender o uso da pílula quando a mulher toma antibiótico. Essa indicação não faz sentido porque as pílulas não perdem o seu efeito quando a mulher toma antibiótico e a pílula também não diminui o efeito do antibiótico. O único antibiótico que altera o efeito da pílula é a rifampicina, que é usada só para tuberculose e hanseníase.
- As mulheres deixam de usar a injeção mensal porque se esqueceram de tomar exatamente aos vinte e oito dias depois da injeção anterior porque ninguém nunca explicou para elas que até sete dias de atraso é perfeitamente tolerável para esse método.
- As mulheres não tomam a pílula de anticoncepção de emergência porque escutaram que se toma mais de uma vez em um mês, já não tem efeito ou faz mal para a saúde.

Como podemos nós, profissionais da saúde, desfazer o efeito negativo desses erros, preconceitos ou simplesmente mentiras, às vezes espalhadas por pura desinformação e outras por motivações que são difíceis de entender? Pensamos que a única maneira em que podemos colaborar nessa campanha de esclarecimento é oferecendo informação verdadeira, baseada em evidência científica, e orientação sobre o uso de todos os métodos anticoncepcionais disponíveis no país. Queremos que fique bem claro que não se trata de fazer propaganda ao planejamento familiar nem a métodos específicos. A conduta deve ser dar informação correta sobre todos os métodos e orientação sobre o seu uso, para que todas as pessoas possam escolher usar ou não usar um método, qual método usar e quanto tempo usá-lo. Isso deve incluir também informação muito clara sobre que método a pessoa não pode ou não deve usar por significar um risco inaceitável para a saúde de acordo aos critérios médicos de elegibilidade de métodos anticoncepcionais que o Ministério da Saúde tem incorporado nas normas oficiais de planejamento familiar.

Ainda mais, muitas meninas que têm relações sexuais não usam anticoncepcionais porque pensam que elas não têm direito a consultar nos postos de saúde por problemas ginecológicos ou porque precisam de um método anticoncepcional.

Todos os profissionais da saúde devemos sempre esclarecer a população que as e os adolescentes têm direito a consultar nos postos de saúde e também a receber métodos anticoncepcionais sem que para isso seja requerida a presença e/ou autorização dos pais ou responsáveis. Temos que disseminar ao máximo esta informação para que as e os adolescentes consultem nos postos e temos que garantir que seus direitos sejam respeitados.

Além disso, todos nós temos a obrigação de informar muito bem a todas as pessoas sobre como se deve usar o método escolhido e o que fazer no caso de apresentar algum efeito secundário ou ter alguma dificuldade com o uso; por exemplo, o que fazer se uma pílula é esquecida ou se a camisinha estoura durante a relação. Estes problemas de uso podem ser frequentes e serão facilmente resolvidos se a mulher foi orientada adequadamente, resolvendo todas as dúvidas.

Estamos cientes de que os boatos e rumores sobre os métodos são tantos que até enfermeiras e médicos chegam a duvidar do que aprenderam frente a pressão dos rumores. Um exemplo; o mito, muito comum, de que adolescentes não podem usar o DIU. A norma do Ministério da Saúde é clara: adolescentes podem usar o DIU! Entretanto, muitos médicos não colocam porque existe o consenso popular, não baseado em evidência científica, de que adolescentes não podem usar o DIU.

Por isso, como o pessoal que atende planejamento familiar muda com frequência, estamos enviando uma versão eletrônica do Manual Mundial da Organização Mundial da Saúde sobre planejamento familiar para que todos o tenham e possam mostrar para as usuárias que as indicações que vocês estão dando estão baseadas em evidências científicas e respaldadas pela OMS. Se alguém tiver problemas para abaixar o arquivo anexado pode também fazer o download diretamente do site onde se pode encontrar a versão mais atual em português;

<https://www.fphandbook.org/sites/default/files/po002-handbook.pdf> Imprimam uma versão em frente e verso e deixem sempre um exemplar em cada unidade de saúde para ter sempre este recurso disponível para consulta. Também vocês podem carregar o manual no computador, “tablet” ou “smartphone” e ter sempre a informação à mão para ajudar na orientação das usuárias.

Usem e abusem do manual; assim, contribuirão para diminuir as gravidezes não planejadas, especialmente em adolescentes!



Dr. Juan Díaz

Médico Ginecologista – Universidade de Chile
Doutor em Medicina Reprodutiva – Unicamp
Membro do Comitê de Guias Técnicas da OMS em anticoncepção
Assessor Médico da Reprolatina

Dra. Magda Chinaglia

Médica Ginecologista e Obstetra – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Mestre em Ginecologia e Obstetrícia - UFMG
Doutora em Medicina – UNICAMP
Assessora Médica da Reprolatina